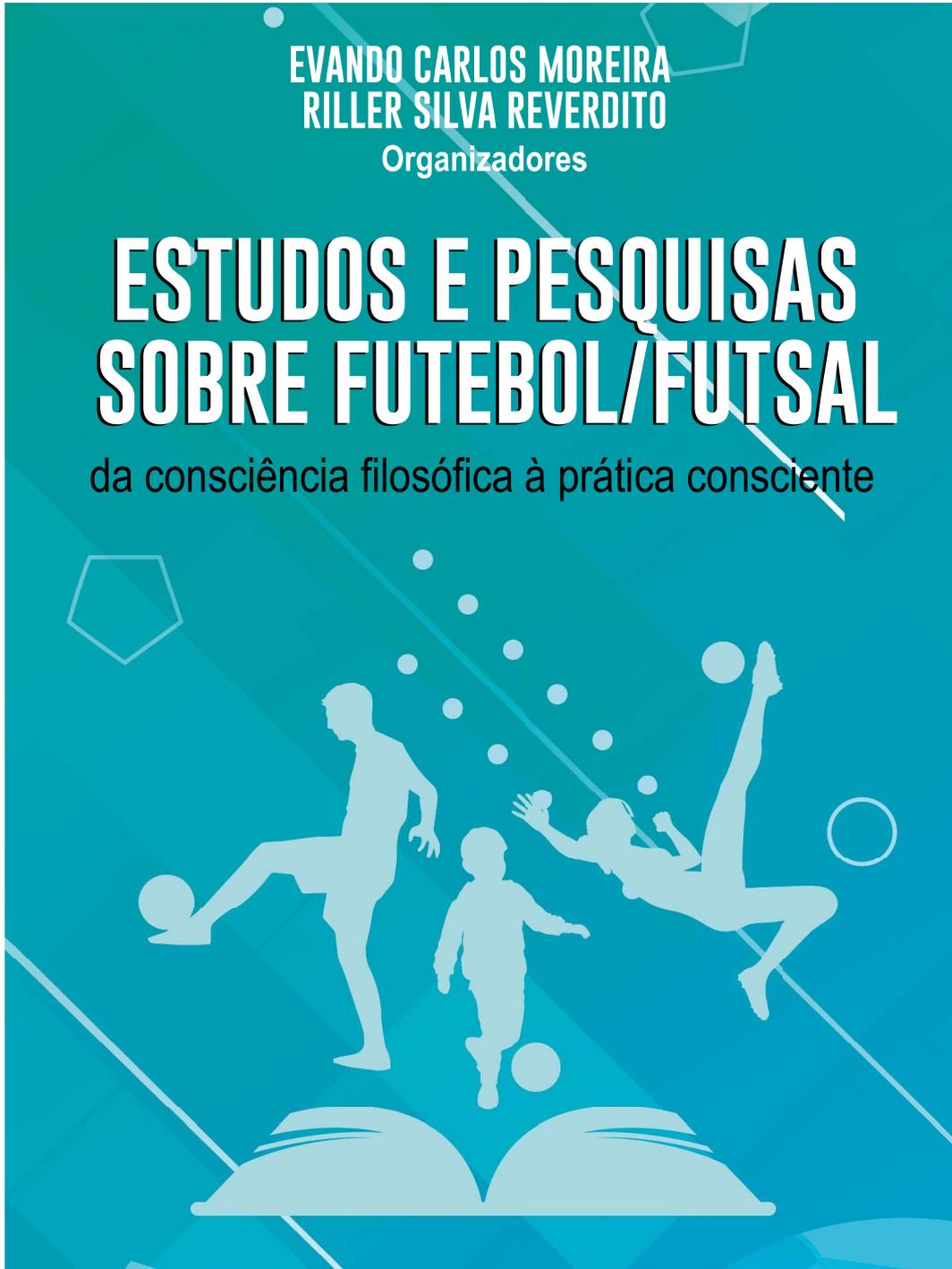


EVANDO CARLOS MOREIRA
RILLER SILVA REVERDITO
Organizadores

ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE FUTEBOL/FUTSAL

da consciência filosófica à prática consciente



CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

E82

Estudos e pesquisas sobre futebol/futsal: da consciência filosófica à prática consciente / Organizadores: Evando Carlos Moreira; Riller Silva Reverdito. – Cáceres: Editora UNEMAT, 2023.

319 p.; 14 X 21,6 cm

ISBN: 978-85-7911-182-2 (Coleção)
ISBN: 978-85-7911-250-8 (Impressa)
ISBN: 9978-85-7911-251-5 (e-book)
DOI: 10.29327/5335623

1. Educação Física. 2. Esporte. 3. Futebol/Futsal. I. Evando Carlos Moreira. II. Estudos e pesquisas sobre futebol/futsal.

CDD: 796

Bibliotecário Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

Financiamento/Apoio

Ministério do Esporte (Convênio nº 902335/2020)

Parte 2

REFLEXÕES E CONCEITOS PARA PENSAR O FUTEBOL/FUTSAL

Capítulo 3

**Pedagogia do Jogo: bases epistemológicas,
conceituais e culturais no futebol79**

João Bosco Gomes Lima Júnior

Alberto Lobato Góes Júnior

Luís Felipe Silva Nogueira

João Cláudio Braga Pereira Machado

Alcides José Scaglia

Capítulo 4

**Tendências da Investigação e das Práticas no Futebol:
desafios atuais e possíveis caminhos 130**

Fernando Santos

Capítulo 5

**O Futebol com Jovens e o Pensamento Tático: a importância
da reflexão e do cuidado no processo pedagógico 157**

José Maria Abreu

António Camilo Cunha

Zenaide Galvão

O FUTEBOL COM JOVENS E O PENSAMENTO TÁTICO: A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO E DO CUIDADO NO PROCESSO PEDAGÓGICO²⁴

DOI: 10.29327/5335623.1-5

José Maria Abreu²⁵

 ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-8615-362X>

António Camilo Cunha²⁶

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9652-9870>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2920977523340939>

Zenaide Galvão²⁷

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8383-9658>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1084462838522724>

-
- 24 Este texto é uma parte da revisão da literatura (atualizada) da tese de Mestrado em Educação Física para os Ensinos Básico e Secundário, do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal), intitulado: *O pensamento tático dos jovens que praticam Futebol no Desporto Escolar: A importância da reflexão e do cuidado no processo pedagógico*. A tese, na íntegra (dimensão teórica e empírica), pode ser consultada no *RepositoriUM* da Universidade do Minho, Braga/Portugal. Trata-se de um texto que também traz o conhecimento e a experiência vivida e refletida dos autores.
- 25 Mestre em Educação Física para os Ensinos Básico e Secundário do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- 26 Doutor em Estudos da Criança e Agregado (Livre Docente) em Pedagogia do Desporto. Professor da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- 27 Doutoranda em Estudos da Criança - Educação Física e Saúde do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

5.1. INTRODUÇÃO

O texto/reflexão resulta de uma síntese da tese de Mestrado Acadêmico para os Ensinos Básico e Secundário, do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Portugal). Foi uma investigação teórico/empírica que pretendeu “colocar em diálogo” a dimensão educativa e desportiva tendo como foco o desporto escolar – o estudo é realizado/centrado na escola. Vale destacar que o Desporto Escolar em Portugal é uma atividade de complemento curricular, regulamentado pelo Decreto-Lei nº 95/91 (a par da Educação Física escolar/curricular), que tem por objetivo estimular os alunos à prática desportiva, abrangendo o 2º e 3º Ciclos do ensino básico e o ensino secundário (alunos 10 de a 17 anos de idade) havendo calendários e fases competitivas em várias modalidades – individuais e coletivas (PORTUGAL, 1991). De alguma forma corresponde no Brasil à Lei Pelé (Lei nº 9.615/98) e sua regulamentação pelo Decreto nº 7.984/2013 (BRASIL, 2013) que também contempla o Esporte Escolar, praticado pelos estudantes com vistas ao desenvolvimento esportivo, entre outras finalidades.

Assim, neste texto, faremos uma sistematização teórica a partir de uma reflexão crítica sobre as dimensões “*ser professor*” e “*ser treinador*”, tomando como referência o futebol e algumas das suas dimensões: *o pensamento tático, a tomada de decisão, a inteligência de jogo, bem como* (entre outros aspetos que vamos encontrar no texto) *a reflexão e o*

cuidado pedagógico no processo educativo/treino. A mera ação implica uma tomada de decisão, em que agir é sinônimo de decidir e em que cada situação requer uma nova solução.

O pensamento tático é de fato o “miolo” da todas as modalidades desportivas e em particular no futebol. Se as questões técnicas, como o saber passar, saber receber, conduzir, fintar, simular, rematar etc., são fundamentais para que o jogo exista, há no entanto uma outra dimensão de pensamento e de práxis - *a tática* - que vai dizer e congregar (a unidade) de como abordar o jogo: os seus movimentos ofensivos, defensivos, a posse de bola, a ocupação do terreno, a estratégia, a previsão e a antecipação, entre outros.

Outro aspeto a ter em conta é que o jogador não pode ser considerado individualmente, em termos de *pensamento tático* (apesar do mesmo permitir e até estimular a criatividade individual – jogadas, lances, fintas, remates e golo de “génio”) devendo antes ser parte integrante de uma *estratégia coletiva (trabalho de equipe)*, em que os seus pares devem ter a capacidade de coordenação, antecipação e direção dos seus movimentos – de/em equipe. São estes aspectos que apresentaremos (do ponto de vista teórico) para o futebol na escola (treino e competição do desporto escolar), mas também não esquecer o clube – o *locus* privilegiado de tais abordagens.

5.2. DESENVOLVIMENTO

5.2.1. Ser Professor

Quando mergulhamos na literatura e na experiência empírica, constatamos que ser professor é resultado de um complexo sistema formativo que encontra na formação/socialização - *antecipatória, inicial, continuada e especializada* - os seus caminhos (CAMILO CUNHA, 2015). Ora este caminho não se constitui como um percurso apenas formal, pois para além de fundamentos teóricos e práticos dessa formação, também se pede uma necessária vivência e experiência do professor pela *autoformação, inovação/criação pedagógica, científica e investigativa*. Deste fato, resulta um “esforço” pessoal e coletivo no sentido de acompanhar de perto as transformações que se processam no mundo. O sentido desses vários caminhos formativos permite ao professor aprofundar e amadurecer (numa constante reflexão e pesquisa) o seu conhecimento e a sua experiência de uma forma pedagogicamente relevante. O professor deve ser (ele é um agente especial) o promotor da evolução educativa, onde família e meio se fazem (deveriam) também presentes.

É na capacidade e na responsabilidade de interferir como refere Camilo Cunha (2015) na formação do *Homem-Todo*, como faziam os gregos – formação inteligível, sensível, imanente e transcendente – que o processo educativo estará

pleno. Ora, o futebol é uma matéria onde o homem-todo (a criança-toda) deve estar presente – quer no plano educativo, quer no plano mais competitivo- resultados.

5.2.2. Ser treinador

Ser treinador é também uma forma de ser professor, agora numa dimensão mais ampla, chamando o quadro competitivo – *a competição como formação*. Neste sentido, o treinador tal como o professor, necessita (devia necessitar) de uma contínua formação – *teórica, pedagógica, didática, científica e investigativa*. O pensamento, o conhecimento, a forma de estar e de atuar (treino/competição), as relações interpessoais e tantas outras, não podem ser, no treinador, *imutáveis e cristalizadas*. Recomenda-se a cada momento, ao treinador, que se atualize (seminários, congressos, leitura de textos, reflexão) acerca da sua ação teórica e praxiológica (BALBINO, 2005).

Assim, ser treinador de futebol não é tarefa fácil, exige toda uma panóplia de conhecimentos e de saberes: saber atuar, saber comunicar, saber estar, saber transmitir conhecimentos *de e sobre* futebol (e da própria vida – história de vida), de uma forma sustentada. Ser treinador de futebol é ter os jogadores do “nosso lado”, fato que só acontece se eles, para além de confiarem no seu treinador, em nível profissional, pessoal e social, confiarem, acreditarem e sentirem o treinador do “seu lado”, estabelecendo uma relação recíproca de admiração e respeito. É, assim, imperativo existir uma profunda e

consistente relação de confiança, lealdade e companheirismo – uma amizade cúmplice (LESSA; MORAES; LIMA, 2013).

Um treinador - *o treinador como um líder* – (BALYI; HAMILTON, 2004), deve tomar as suas próprias opções, seguir as suas ideias, reflexões e intuições, mesmo correndo o risco de se enganar. Essa é uma das características de *ser líder*. Assim, a competência, a capacidade e as experiências técnica e científica do treinador, conjuntamente com as suas competências sociais, constituem a “*mistura mágica*” para o espírito e coesão de uma equipe (CHAMBERS, 2018). O futebol de uma equipe é a consagração da sua atitude, e a atitude, bem como o pensamento lúcido, é o retrato da saúde mental (psicológica e psíquica) de uma equipe, é o retrato da disponibilidade total de uma equipe, que só acontece com uma fortíssima coesão, *um espírito de família*.

Ser treinador é viver, sentir e afirmar/superar (com os seus atletas e adeptos) aquela dialética que caracteriza o desporto - *vitória versus derrota*. Aqui, devemos ter em atenção que, nem sempre, o fracasso é sinónimo de derrota, do mesmo modo que, nem sempre, o êxito é sinónimo de vitória, porque o desejo de vencer nasce conosco, a vontade de vencer é uma questão de treino e a maneira de vencer é uma questão de honra.

5.2.3. A missão da escola e do clube

É opinião generalizada que as sociedades atuais são espaços complexos, multiculturais, diversos, dominados por

um materialismo exacerbado, com esquecimento de valores humanizantes, como a solidariedade, a dignidade, a inclusão, a cidadania. Ora, não se tratando de uma irreversibilidade (*um destino*) é preciso fazer algo no sentido de reverter tal situação. E é aqui que entra o que deve ser uma das grandes funções/missões da *escola e do clube*.

Num contexto escolar, é imperioso que, aos alunos, sejam incutidos princípios éticos que lhes permitam o exercício pleno da solidariedade, procurando, simultaneamente, induzi-los a terem ideias próprias, juízo crítico, de forma a que não aceitem tudo o que lhes possa ser apresentado “como bom” (DIOGO, 2007). Ora, julgamos que não é o que acontece na escola atual. A escola tornou-se desagregadora, elitista, exclusiva, preocupada com o rendimento, a eficácia, a ciência, a tecnologia, a competição extrema, esquecendo aquilo que é o mais estruturante na educação: *a formação de valores, a formação pessoal e humana solidificada*. Valores como a dignidade, o respeito pelos outros, os valores éticos, a dignidade, a inclusão, a cidadania vão perdendo, inexoravelmente, através de uma disputa mesquinha e desagregadora que procura o êxito a qualquer preço. Uma educação/escola que não contribua para tornar as pessoas melhores, pessoas boas, não cumpre a sua missão (CAMILO CUNHA, 2015). O clube é de alguma forma (de toda a forma) uma escola que também tem uma missão neste caso, desportiva, mas também educativa - *a formação de valores, a formação pessoal e humana solidificada*.

Neste contexto os educadores (professores e treinadores) têm uma grande responsabilidade: a responsabilidade de formar crianças (estudantes/atletas) melhores.

Talvez, e ao contrário do que possa pensar-se, só viremos a ter uma sociedade melhor, mais aberta, mais limpa, mais fraterna, mais solidária e inclusiva se, no contexto escolar, formos capazes de inculcar nos “homens de amanhã”, todos esses valores. De contrário, tudo poderá estar hipotecado. Tenhamos esperança e façamos por evitar isso. Uma tarefa de todos – *uma tarefa também nossa*.

5.3. O PENSAMENTO TÁTICO

O pensamento tático a par das outras dimensões (técnica, física, social...) é um dos aspetos mais importantes no ensino do futebol. A tática vai organizar uma equipe. É a tática que vai dizer o jogo, assente nas estruturas básicas: *compreensão racional e manifestação criativa e intuitiva do corpo e do movimento*.

5.3.1. Fazer entender

Dessa combinação (dialética), trata-se de *fazer entender*:

Fazer entender aos nossos alunos/atletas coisas tão simples como: que um jogador quando tem a bola nos pés pode

realizar quatro coisas hierarquicamente organizadas quando o critério é a eficácia (passe, condução e driblar/fintar, arremate - por outras palavras, só se utiliza o 1x1 quando não se pode realizar o arremate, o passe ou a condução); que têm obrigatoriamente de jogar sem bola no ataque e na defesa; que existem zonas do campo em que é proibido arriscar, inventar e “cometer erros”, e outras que são primordiais a assunção desse risco; que o jogo da equipe não resulta do somatório das capacidades e qualidades de cada jogador, mas sim da coordenação de pensamento entre eles, isto é, quando um jogador tem a posse os colegas sabem o que ele está a pensar/ fazer e quando não estão em posse todos sabem o que fazer; que têm de executar rápida e objetivamente e que têm de ser solidários, cooperantes, responsáveis e com grande sentido de equipe (espírito).

Fazer entender aos alunos/atletas que o futebol é um jogo maravilhoso / fantástico quando jogado. Mas este jogar deve ser pensado e refletido, mas também intuitivo e espontâneo – dentro de uma estrutura coletiva e organizada (BUTTON *et al.*, 2020). Constatamos que os nossos alunos/atletas gostam mais de atacar do que defender; não gostam de um futebol muito estruturado e pensado; fazem um futebol intuitivo, habilidoso, com muita magia; são por vezes imprevisíveis quando em posse; valorizam a recriação pessoal do que a organização coletiva. Esse é um lado profundamente rico. Contudo, existe o outro lado, o lado da consciencialização, da estrutura, da “racionalização” que vai concretizar o sentido objetivo - finalização, atitude permanente de competitividade.

Fazer entender que continuem a gostar mais de atacar, mas também saberão defender; admitam a possibilidade de um jogo mais estruturado taticamente; a intuição e a criatividade estejam presentes, embora, obedeçam a critérios de eficácia e disciplina/ responsabilidade; o destaque individual só aconteça na dependência da capacidade coletiva e os alunos são mais competitivos, ainda que não tenham ninguém, respeitem os adversários.

Fazer entender da necessidade de rigor - serem rigorosos, disciplinados e responsáveis consigo e com a equipe, associado ao sentido da criatividade individual e coletiva, que o jogo futebol pode dar frutos. Sendo desta combinação que a pensamento e ação tática pode desenvolver-se. Para tal, para *fazer entender* é necessário ir pelo caminho da *reflexão e do cuidado* (ética do cuidado) pedagógico.

5.3.2. O sentido da tática

A dimensão tática, diz respeito à organização de uma equipe – como já tínhamos referido. São vários os autores que têm feito uma reflexão a esta dimensão (FRADE, 1998; 2005; 2006; GUILHERME OLIVEIRA, 1991; VALDANO, 2001; CRUYFF, 2002; STRACHAN *et al.*, 2011; BETTEGA *et al.*, 2020; BUTTON *et al.*, 2020). Em todos eles parece unanime que a dimensão tática deve assumir a preocupação dominante no ensino do jogo, onde a capacidade de observação, análise e interpretação das situações de jogo e, acima de tudo, a

capacidade de decisão/ tomada de decisão, devem orientar os pressupostos fundamentais da aprendizagem do jogo. *Mais que ensinar a executar, importa ensinar a observar (ler) o jogo e ensinar a decidir.*

A competência base de todo este processo de aprendizagem está centrada na *capacidade de decisão* que é necessário promover nos nossos alunos/ jogadores. Estes devem decidir em função de um conjunto de regras da organização estrutural e funcional do jogo (FRADE, 1998).

3.2.1 O pensamento tático e a tomada de decisão: alguns aspetos biológicos, sociais, fisiológicos e psicológicos

Quando se aborda o sentido da tática, rapidamente se elevam duas variáveis (funções) estruturantes: *o pensamento tático e a tomada de decisão*. Neste sentido, Araújo e Serpa (1999b) referem que a *tomada de decisão* desempenha um papel crucial na execução das ações táticas do jogo, uma vez que a realização de movimentos conscientes é precedida por uma decisão.

A tomada de decisão é um processo humano complexo, assente em três fatores fundamentais: o indivíduo, a situação e a decisão propriamente dita (ALVES; ARAÚJO, 1996). No período que medeia a recepção da informação pelos sentidos e a implementação de uma resposta motora, o mecanismo cognitivo-perceptual organiza e analisa a informação com o objetivo de tomar a decisão de forma a resolver uma situação (ARAÚJO; SERPA, 1999b).

De acordo com Alves e Araújo (1996), a tomada de decisão como o processo do pensamento e da ação, culmina num comportamento de escolha. Por sua vez, Maturana (1979) define-a como sendo uma escolha entre muitos atos possíveis.

O ser humano recebe uma série de estímulos do meio envolvente. A partir daí, o indivíduo tem de selecionar a informação pertinente, processá-la e dar resposta adequada à situação, na maior parte das vezes, fá-lo num espaço de tempo limitado (ALVES; ARAÚJO, 1996).

Neste contexto, Williams (1991) vai referir que a tomada de decisão é uma vertente significativa da liderança, que se subdivide em duas perspectivas: *como um processo cognitivo* e *como um processo social*. A ênfase da tomada de decisões como um processo cognitivo passa pela racionalidade da decisão. Isto é, avaliam-se as alternativas disponíveis e seleciona-se, dentro destas, a que melhor atinja o objetivo pretendido. Uma decisão, ao ser tomada, passa por diferentes estágios: reconhecimento, formulação, geração de alternativas, procura de informação, julgamento ou escolha, ação e feedback. Alves e Araújo (1996) identificam vários mecanismos cognitivos básicos envolvidos na tomada de decisão, designadamente, aqueles que surgem quando aparece um problema, quando outras informações são recuperadas na memória e quando é criada uma organização significativa desta informação. As várias fontes de informação são avaliadas e integradas e a decisão é tomada. O estado dos processos cognitivos, relacionado com a tomada de decisão do aluno/jogador/atleta,

refere-se a fatores como a sensação, a percepção, a memória, a atenção/concentração, o rendimento intelectual, o estilo cognitivo, ou a resolução de problemas.

Por outro lado, as ações devem ser concebidas como uma relação entre o indivíduo e o seu contexto em direção a um objetivo (ARAÚJO; SERPA, 1999a; 1999b; ALVES; ARAÚJO, 1996). Assim, a tomada de decisões como processo social refere-se ao contexto desportivo, aos componentes da equipe, ao particular na tomada de decisões e aos diversos graus de influência que os membros da equipe têm sobre tais decisões. Deste modo, o processo social da tomada de decisões pode variar desde uma decisão estritamente autocrática, tomada pelo treinador, a distintos graus participativos por parte dos membros da equipe. Estas variantes, segundo Williams (1991) denominam-se estilos de decisão do treinador.

5.3.2.1. A tomada de decisão: conhecimento, memória, antecipação, ação, meio

Como temos vindo a referir, a tomada de decisão é um dos aspetos funcionais e distintivo do pensamento e práxis da tática desportiva. Neste contexto, Alves e Araújo (1996) vão referir que o desporto, pelas suas características e como atividade tipicamente humana, é uma área de intensa e criativa atividade intelectual. É necessário conhecimento para que se atue, atuações essas que elevam o conhecimento dos sujeitos, numa evidente estruturação recíproca. Este conhecimento foi denominado por *conhecimento sobre as ações*.

À medida que os praticantes aprendem um desporto, adquirem todo um conjunto de conhecimentos sobre as ações desse desporto, as quais favoreceram a tomada de decisão nas diferentes situações desportivas (ALVES; ARAÚJO, 1996).

De realçar que os processos cognitivos são operados inconscientemente pelos atletas, ligados à sua personalidade, implicando o chamado estilo de decisão. Este é definido como sendo o método de processar informação e de tomar decisões, hábitos adquiridos através da experiência de vida do aluno/jogador/atleta (ALVES; ARAÚJO, 1996).

Neste envolvimento Lacombe, Sarrazin e Alain (1986) referem que as tarefas desportivas podem ser caracterizadas como sendo dinâmicas, complexas e, no devido enquadramento, como envolvendo riscos. As consequências de cada decisão do aluno/ atleta vão influenciar outras decisões.

Outra característica do desporto é a tomada de decisão sob pressão temporal. Esta pressão acontece pela avaliação do tempo requerido para uma ação por parte do aluno/ atleta, bem como do tempo necessário para produzir uma resposta com significado (ALVES; ARAÚJO, 1996).

As ações desportivas não são sempre organizadas sequencial e hierarquicamente, mas acontece, frequentemente, muitas ações terem de ser executadas simultaneamente, com uma alta frequência e com diferentes níveis de intensidade (ALVES; ARAÚJO, 1996). Deste modo, existem no aluno/ atleta comportamentos preparatórios que lhe permitem responder

mais rapidamente às solicitações a que é sujeito. Isto acontece devido a uma focalização da atenção sobre os estímulos mais prováveis e a uma preparação motora diferente em função da previsibilidade da resposta. Na opinião de Widmaier (1986) citado por Alves e Araújo (1996), a antecipação mental das próprias ações e das ações do oponente podem ser a base da decisão. Além disso, durante a fase de antecipação são tomadas decisões preliminares, através do cálculo das probabilidades, o qual é influenciado pela experiência do aluno/atleta.

Segundo Júlio e Araújo (2005), supõe-se que eles: reconheçam e evoquem padrões de jogo mais rapidamente, possibilitando decisões mais rápidas e mais exatas; apresentem maior velocidade de detecção e localização de objetos relevantes no campo visual e identifiquem as situações com maior detalhe; usem eficazmente a informação contextual, disponível antes do evento ou ação do evento e que se revelem mais exatos nas suas expectativas a acontecimentos futuros construindo uma hierarquia de probabilidades em cada situação. No entanto, os mesmos autores consideram que se assume que o conhecimento dos jogadores de maior perícia está sempre disponível na sua memória, esta linha de estudo tem dificuldade em explicar, por exemplo, as variações do rendimento desportivo quando os jogadores defrontam diferentes adversários em distintos enquadramentos competitivos. Talvez seja por esta razão que muitos autores tenham vindo a apontar para uma necessidade de se considerar a dinâmica da interação jogador-envolvimento

para compreender a tomada de decisão no desporto (FONTAINE, 2005; LOPES, 2013).

5.3.2.2. A tomada de decisão (no futebol) de um do jogador “normal” – aspetos caraterísticos

No jogo de futebol existe ao mesmo tempo cooperação e oposição e uma necessidade constante de coordenar ações entre jogadores num contexto de grande complexidade. Assim sendo, o jogo de futebol é considerado um sistema dinâmico onde decorrem padrões distintos de ação, os quais diferem de jogador para jogador no seu comportamento individual e coletivo (JÚLIO; ARAÚJO, 2005). A tomada de decisão depende das características do indivíduo, da forma como as suas preferências pessoais se manifestam, ou seja, do seu sentido de orquestração (ARAÚJO; SERPA, 1999a).

A atividade cognitiva tem um papel importante nos sentimentos (emoções) dos atletas e, conseqüentemente, na sua forma de executar (PARMAN, 1992; ALVES; ARAÚJO, 1996). Pode-se constatar que os estilos cognitivos e preceptivos indicam tipos específicos de comportamento ou tendências para determinados modos de tomar decisões.

De forma simplificada, podemos dizer que as atividades desportivas são caracterizadas por constrangimentos intencionais. Estes constrangimentos são originados pelo meio, pela componente espacial e pela componente temporal (MOURA *et al.*, s/d).

Newel (1990) citado por Júlio e Araújo (2005) estruturou em três categorias os constrangimentos que determinam as ações e que interagem para a produção de um padrão de coordenação/ação:

- a. Específicos do aluno/atleta, tais como a habilidade individual, o estado de fadiga, as características psicológicas e os estados psicológicos momentâneos;
- b. Os constrangimentos da tarefa, tais como os objetivos a realizar, as contradições da realização, as regras constrangedoras da dinâmica da ação e os instrumentos e materiais utilizados;
- c. Constrangimentos do envolvimento, que estão para além do sistema em análise (o jogo) embora o influenciem, como por exemplo, as condições atmosféricas, a luz, o ruído ou o meio social (pressão da mídia, público, adeptos, etc.)

Daqui resulta que, as ações e as decisões são constrangidas, mas não determinadas apenas pelos processos cognitivos (JÚLIO; ARAÚJO, 2005). De acordo com esses mesmos autores a habilidade da decisão reside não só na capacidade de operar escolhas justas e rápidas, mas também na realização de ações motoras suscetíveis de conduzir ao êxito as escolhas efetuadas. A qualidade da tomada de decisão do aluno/ atleta em situação desportiva, depende de: conhecimento declarativo e processual específico; capacidades cognitivas; capacidade (competência) no uso

das capacidades cognitivas; preferências pessoais; fatores emocionais/ motivacionais.

Durante os treinos, jogos (competição) o aluno/ atleta precisa saber distinguir as informações significantes das irrelevantes.

5.3.2.3. A tomada de decisão (no futebol) de um do jogador “acima da média” – aspectos característicos

Para se perceber a perícia/ a capacidade acima da média deve ser tomada em consideração as categorias de fatores/ constrangimentos.

O jogador e o jogo formam um sistema dinâmico na medida em que o jogo é como um filme, em que é necessário um ajuste constante dos atores (jogadores), face ao contexto e às informações/ estímulos recebidos, a partir dos quais fazem emergir soluções. Num contexto de mudança acontecem séries de decisões e de ações interdependentes, realizadas ao longo do tempo para se atingir um determinado objetivo. Ao resultado da conjugação dos fatores que estão em interação numa dada situação chama-se auto-organização, a qual é induzida pelo jogador e faz parte dos quatro processos da perícia de que o jogador deve dispor. Para além da auto-organização, existem três outros processos da perícia, designadamente, as rotinas-reprodução, a automatização e a auto adaptação.

Os futebolistas peritos antecipam com maior rapidez e exatidão as intenções dos adversários e usam as melhores

fontes de informação. Fazem-no através do desenvolvimento da capacidade de antecipar e de usar informação relevante (“ler o jogo”), uma habilidade que pode ser trabalhada a partir dos doze anos. Todavia, até aos cinco anos, já podem ser desenvolvidos os aspectos relativos à visão periférica e binocular de profundidade.

A percepção é importante, o apelo à memória é maior, isto é, agir para ter informação (reportório mais vasto).

Há duas formas de se melhorar a eficácia da decisão e da ação. A primeira forma é atender as informações mais úteis (afinação), a segunda forma é ajustar a ação à informação (calibração). Por meio da afinação e da calibração faz-se o processamento do desempenho dos atletas, ajustado a situação em função da sua ação.

5.4. A MEMÓRIA

A memória desempenha outra função importantíssima no ato tático. No entanto, abordar o tema da memória é entrar numa área complexa, em permanente descoberta e evolução, em que a insaciabilidade de informação e de conhecimento é permanente, e aumenta em proporção direta com os conhecimentos adquiridos.

Segundo Izquierdo (2011), a memória pode ser entendida como a aquisição, o armazenamento e evocação

de informações. A aquisição também é denominada de aprendizagem. Como se poderá constatar, a importância dos conhecimentos referentes à memória, cada vez mais, é determinante para a compreensão do nosso envolvimento com o mundo e a forma como o apreendemos e interagimos.

Assim sendo, a importância da memória e das relações que esta assume com outras áreas são determinantes para a orientação e direcionamento dos processos de aprendizagem.

É neste sentido que segundo Bettayeb (1990) citado por Guilherme Oliveira (1991, p. 34) refere que

A nossa memória é de uma complexidade desconcertante. Através de uma viagem no tempo, pesquisa o nosso passado para enriquecer o nosso presente, guarda os dados atuais para os transformar em recordações no futuro, permitindo-nos andar para trás nos anos. Ela molda assim a nossa identidade, a nossa relação com o mundo, os nossos atos, os nossos sonhos, o nosso saber.

5.5. A IMPORTÂNCIA DA *REFLEXÃO* E O *CUIDADO* NO PROCESSO PEDAGÓGICO

Quando olhamos para o ato pedagógico como forma de um “bom ensino”/ “bom treino” teremos de convocar necessariamente a capacidade de reflexão e de cuidado na intervenção – na tomada de decisão.

A este propósito, Neto (2001; 2005) e Araújo (2007) vão referir que educar, desenvolver e aperfeiçoar a capacidade, qualidade e “velocidade” da tomada de decisão, desenvolvendo o raciocínio prático a partir de uma metodologia própria de ensino, de forma a habilitar o aluno a analisar variadíssimas situações de jogo, a compará-las e a tirar conclusões práticas com a máxima rapidez. A descoberta guiada da integração de princípios hierarquizados/ sistematizados parece ser um bom caminho que conduz ao desenvolvimento da *atenção* e *concentração*, suportados pela capacidade de *observação* de forma a prever as ações e os acontecimentos. Sabemos que o processo de jogo se desenrola em condições de forte tensão física, emotiva e afetiva.

Para ensinar a decidir (criando o jogo), é necessário assim, ensinar os alunos a fazerem uma análise atenta e cuidadosa dos exercícios, para que estes sejam capazes de interiorizar a dimensão tática do jogo (organização) que está sustentada nas capacidades de observação, análise, interpretação e tomada de decisão (COUTINHO; MESQUITA; FONSECA, 2016). O jogo (as situações de jogo) aparece assim, numa dinâmica progressiva: situações de jogo, desde as mais simples às mais complexas; as formas jogadas orientadas para objetivos operacionais práticos e de acordo com a lógica interna do jogo, que ajudem os jogadores a identificarem, a analisarem e a interpretar problemas táticos concretos; a criação de situações-problema a resolver, sistematizando toda a informação pertinente de apoio à tomada de decisão pelos jogadores em jogo. Exemplos: “*Para!*

Olhaste para a frente da baliza? Se sim, quem está lá sem marcação? Está tudo marcado na frente? Sim? Olhaste para os corredores? Verificaste a maior ou menor concentração de adversários nessas zonas? Estava tudo marcado? É arriscado progredir, pois tens metade dos adversários perto? Verificaste se tinhas apoio atrás?”.

A isto chama-se ensinar os jogadores a decidirem no contexto do jogo, construindo os referenciais individuais e coletivos para a sua atuação: *“Se acontecer isto, faço isto; se acontecer aquilo, faço aquilo; se se verificar aquela situação, resolvo daquela forma...”*. Fazer respeitar os princípios a observar no centro de jogo ofensivo e defensivo. Assim, parece haver necessidade de dar coerência coletiva a todos os comportamentos táticos individuais dos jogadores, de forma a criar laços comuns entre eles, permitindo-lhes saber o que vai ser feito a seguir e, desta forma, antecipar as decisões a tomar (ensinar a decidir individual e coletivamente).

Na prática, todos devem conhecer as funções a desempenhar em todos os lugares, isto é: *“treinar, executar, jogar em todas as posições, sabendo cumprir as regras de atuação no ataque, na defesa e nas diferentes zonas de atuação, de forma a estabelecer, consolidar e aperfeiçoar a mesma linguagem comportamental”*. Simultaneamente, desenvolver, aperfeiçoar e educar de uma forma intensiva: *“a capacidade e diversidade do drible; a imprevisibilidade típica dos jogos com múltiplas soluções; a capacidade de jogar em inferioridade numérica dos jogadores mais aptos, de forma a educar a capacidade de drible sob forma jogada e a capacidade de sofrimento desde*

as mais tenras idades; a espontaneidade das diferentes formas de arremate, através de colocação de vários alvos a diferentes distâncias, alturas e ângulos; a condução de bola a grande velocidade, através dos jogos de perseguição com ou sem obstáculos; a qualidade e a velocidade de execução do passe, por meio de jogos de cooperação e oposição em diferentes espaços e com diferentes estrangimentos; a relação com a bola para que esta seja parte integrante do nosso corpo (e não um apêndice...) de modo a não perdermos tempo a procurá-la com o olhar; a velocidade e a qualidade da tomada de decisão”.

Tudo isto leva o jogador a descobrir por si próprio o caminho concreto em cada exercício e em cada situação, sob a orientação e as pistas transmitidas. Embora o caminho já esteja previamente traçado, o que se pretende é que sejam os jogadores no seu todo, a descobrir que caminho é esse, a senti-lo, partilhando ideias e sugestões e a empenharem-se na realização desse trajeto. Desta forma, todos participam, todos são responsáveis e todos são responsabilizados. O jogador aprende por ele mesmo, aprende o que descobriu, o que sentiu, aquilo porque passou, garantindo a eficiência da aprendizagem e caminhando para o ideal de qualquer modelo de jogo, ou seja, estabelecer, consolidar e aperfeiçoar a mesma linguagem comportamental, jogando a longo prazo muito e bom futebol. *Joga-se como se treina.* Por isso o treino necessita ser, se possível, “mais exigente” que o “jogo”, para que, em campo e em competição, possa corresponder àquilo que o jogo lhe solicita: transpiração, empenho, paixão, emoção, racionalidade, criatividade e decisão inteligente.

5.6. O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NO FUTEBOL: AS CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

Os jogos desportivos coletivos caracterizam-se pelas relações de oposição e de cooperação que promovem, onde o apelo à capacidade de decisão dos seus intervenientes é uma constante (CASTELO, 2004; CASTELO; MATOS, 2006). Apesar deste fato, as atividades de preparação dos jogadores têm incidido na sua capacidade de execução motora (técnica), como pressuposto fundamental para melhorar a sua intervenção no jogo, transformando rapidamente o ensino de qualquer jogo desportivo coletivo (futebol, basquetebol, voleibol, etc.) no ensino das respetivas técnicas.

Parece-nos ser este, o erro sistemático de abordagem dos jogos centrados na técnica, que continua presente nos pressupostos conceituais de quem tem responsabilidades na orientação do ensino dos jogos, nas escolas e nos clubes.

Muitos autores têm contribuído para inverter esta tendência, apelando à necessidade de centrar a nossa atenção no conhecimento do jogo (dimensão tática) e nas variáveis estruturantes da lógica organizacional dos jogos desportivos coletivos (MAÇÃS; BRITO, 2000, PINTO; 2005; PACHECO, 2001).

5.6.1. A importância de se adotar um processo de ensino/aprendizagem no futebol

Os nossos alunos são seres em evolução, por isso cada aluno é um caso, pois o desenvolvimento processa-se em ritmos próprios e diferentes de aluno para aluno; (processo individualizado, idade cronológica / idade biológica); as diferentes facetas do aluno não se desenvolvem todas ao mesmo ritmo (noção de treinabilidade) e têm uma capacidade de adaptação dependendo dos estímulos (estado de prontidão desportiva).

As características das tarefas (exercícios) devem conter a essência da matéria desportiva a ensinar/treinar, devem evoluir em termos de complexidade, devem ter um grau de dificuldade adequado (não devem ser nem muito fáceis nem muito difíceis) e devem ser interessantes e motivantes para os atletas (BETTEGA *et al.*, 2020; BUSZARD, 2016).

Os exercícios devem contemplar sempre a oposição, isto é, a relação dialética e simultânea das fases de ataque e defesa; a indivisibilidade dos fatores de rendimento; a finalização e o carácter de continuidade / reversibilidade característico do Futebol.

Também devem contemplar os “Jogos Reduzidos” em detrimento do jogo formal, pois ao fazer-se uma leitura do jogo de modo mais simplificada, dando-lhe significado, mais fácil é identificar e escolher os comportamentos adequados e mais visíveis os erros cometidos, maior é a possibilidade e oportunidade do desenvolvimento desportivo do praticante, fruto

de uma maior densidade motora (maior motivação e mais tempo potencial de aprendizagem), mais frequentes são as situações de escolha, o que exige uma atitude reflexiva permanente e um elevado nível de concentração e mais frequente e direta é a sua participação em todas as fases do jogo: implementa uma formação multifuncional (contrariando a especialização precoce) e uma permanente mudança de atitude mental.

Garganta (1997), Garganta e Oliveira (1996) abordaram as características de exercitação, como “Habilidades abertas ou de regulação externas”. Resumindo: desde muito cedo, os exercícios devem ser praticados em contextos variáveis, solicitando formas de execução variadas; não ficar muito tempo a praticá-las como habilidades fechadas; exercitar a resposta (o como) e o uso da resposta (o quê e o quando); e privilegiar as situações com uma configuração de problemas semelhantes aos que ocorrem no jogo, destacando os aspetos de adaptação da resposta aos contextos específicos.

5.7. EM JEITO DE CONCLUSÃO – OLHARES TEÓRICOS E PRÁTICOS

Pelo exposto, mas também pelo que não foi possível abordar neste texto, apresentamos, em jeito de conclusão, alguns autores e dimensões teórico/práticas de grande valor pedagógico/cuidado que os professores e treinadores não deverão esquecer:



- A importância dos feedbacks avaliativos, mas assertivos e corretos: *“Quantas vezes perante um mau passe (má técnica) do jogador no jogo, ouvimos a seguinte expressão do treinador: “Está bem, valeu a intenção!” ou “Pensaste bem, isso é o importante” (MAÇÃS; BRITO, 2000, p. 57). Este exemplo, nem é assertivo nem correto;*
- *“Os comportamentos motores visíveis dos jogadores, refletem a necessidade de resolver os problemas provenientes das situações de jogo. O jogo representa na sua essência, um conjunto diversificado de situações que por si só encerram inúmeros problemas que deverão ser resolvidos na prática pelos jogadores. Assim, a execução técnica só tem significado se for resposta a uma exigência tática (MAÇÃS; BRITO, 2000, p. 71);*
- *“A resolução dos problemas que o jogo levanta pressupõe, por parte dos jogadores, um processo de análise, raciocínio e execução adaptado a essas situações de jogo. Todavia, a resolução dos problemas de jogo carece sempre de um enquadramento coletivo. De tal modo que as ações técnico-táticas só adquirem significado quando contextualizadas na equipa, por oposição à equipa adversária. Consoante o nível de formação da equipa (conhecimento tático coletivo), assim se tornam significantes as ações dos jogadores. (sic) (MAÇÃS; BRITO, 2000, p. 75);*

- *“Estas ações individuais, deverão ter sempre como referência um conjunto de orientações e regras que, na sua totalidade, confirmam coerência coletiva à sua realização, às quais, alguns chamam de princípios (táticos) operacionais do jogo ofensivo e defensivo da equipa” (BERNARD & DERSOIR, 1992, p. 33);*
- A qualidade/capacidade de resolução das situações apresentadas em jogo está sempre dependente do indivíduo. Este conhecimento está intrinsecamente relacionado com as experiências anteriores e com a aquisição de novos saberes adquiridos durante as aulas/treinos. *“Uma tomada de decisão adequada tem, como sustentabilidade, o comportamento que o jogador apresenta em relação ao jogo” (COSTA, 2001, p. 33);*
- O *“Futebol não é nada disso, é outra coisa totalmente diferente; pratica-se aparentemente com os pés, mas joga-se essencialmente com a massa cinzenta que está dentro da cabeça” (BENTO, 2005, p. 56);*
- *“As emoções, o pensamento e a aprendizagem estão todos ligados” (JENSEN, 2002, p. 21),* ou seja, as emoções desempenham um papel fundamental e influenciador nos processos cognitivos;
- A tomada de decisão é tanto melhor quanto maior for o conhecimento adquirido pelos nossos alunos/jogadores. *“Só se antecipa alguma coisa quando se conhece”* (fala de um aluno/atleta investigado);

- “O treino é um encurtamento de tempo para se poder agir” (FRADE, 2005, p. 25);
- “A tomada de decisão com base nas emoções não é uma exceção, é uma regra” (DAMÁSIO, 1994; OLIVEIRA, 2008);
- Existe um reconhecimento da importância do conhecimento específico no desempenho desportivo da respectiva modalidade (MCPHERSON, 1994);
- O conhecimento específico está relacionado com os mecanismos perceptivos, processuais, decisoriais e de execução (AGUILLÀ; PEREIRA, 1993);
- A inteligência e o conhecimento específico relacionam-se na procura das soluções mais adequadas para a resolução dos problemas de jogo (CHI; GLASER, 1992; COSTA, 2001; LOPETEGUI, 2015);
- Os jogadores com prestações de excelência apresentam um maior conhecimento tático, um conhecimento declarativo e processual mais organizado e estruturado, processos de reconhecimento de padrões de jogo mais eficazes, superior conhecimento das probabilidades situacionais da sequência do jogo (RINK *et al.*, 1996; GARGANTA, 1997);
- Os conhecimentos de jogo são adquiridos, organizados e produzidos através de ações de jogo/treino que se transformam em hábitos (MARINA, 1995);

- Os jogadores com maior conhecimento tático apresentam maior percentagem de decisões adequadas (RIERA, 1995; GARGANTA; OLIVEIRA, 1996; FREITAS LOBO, 2009);
- Existe uma relação positiva entre o conhecimento declarativo e a qualidade do praticante (GRÉHAIGNE; GOUBOUT, 1995);
- O jogador de elite possui um conhecimento declarativo e processual mais organizado e estruturado (RINK *et al.*, 1996);
- Os jogadores mais evoluídos apresentam um maior conhecimento específico da respectiva modalidade (WILLIAMS *et al.*, 1999; FOLGUEIRA, 2018).

As melhores equipas e os melhores jogadores, como salientam Cruyff (2002) e Valdano (2001), sempre foram aquelas e aqueles que evidenciavam melhor qualidade técnica e tática. A confirmar esta ideia Guilherme Oliveira (1991) afirma que ao observarmos a história constatamos que as equipas vencedoras são aquelas com cérebro e não com músculos. No entanto, no futebol moderno, todas as dimensões – técnicas, táticas, fisiológicas, morfológicas, psicológicas, pedagógicas, sociais, teóricas, práticas, culturais, etc devem ser tidas em consideração, pois o *jogo*, os *jogadores* e os *espectadores* apreciam cada vez mais um jogo mais belo, mais estético (a sua riqueza interna) em contraponto com o jogo da economia, do mercado, da indústria que teima querer prevalecer.

5.8. REFERÊNCIAS

AGUILLÀ, Gerard; PEREIRA, Patricia. Observation y evaluation: en busca de sus aspectos distintivos. **Apunts educacion física & esportes**, v. 31, p. 86-105, 1993. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/ApuntsEFD/article/view/379987>>. Acesso em: 15 maio 2015.

ALVES, José; ARAÚJO, Duarte. Processamento de informação e tomada de decisão no desporto. In: CRUZ, José (Ed.), **Manual de psicologia do desporto**. Braga, Portugal: Sistemas Humanos, 1996. p. 361-388.

ARAÚJO, Duarte. **Ciências de comportamento - UEFA III**. Dossier, 2007 (Não publicado).

ARAÚJO, Duarte; SERPA, Sidónio. Tomada de decisão de velejadores de alta competição. **Ludens**, Lisboa, PT, v. 16, n.1, p. 37- 45, 1999a.

ARAÚJO, Duarte.; SERPA, Sidónio. Toma de decisión dinámica en diferentes niveles de expertise en el deporte de vela. **Revista de psicologia del deporte**, v. 8, n. 1, p. 103-115, 1999b. Disponível em: <<https://archives.rpd-online.com/article/view/80.html>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

BALBINO, Hermes. **Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

BALYI, Istvan.; HAMILTON, Ann. Long-term athlete development: trainability in childhood and adolescence. **Olympic Coach**, v. 16, n. 1, p. 4-9, 2004.

BETTEGA, Otávio e colaboradores. A competição na iniciação ao futebol: considerações sobre a organização do jogo e a participação no ambiente competitivo. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, p. 1-17, 2020.

BEUNARD, Patrick.; DERSOIR, Guy. **Education physique: sport collectif**. Nantes, France: CRDP, 1992.

BRASIL. Decreto nº 7.984 de 8 de abril de 2013. Regulamenta a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 67, 9 abr. 2013. Seção I, p. 5-10, 2013.

BUSZARD, Tim e colaboradores. Scaling the equipment and play area in children's sport to improve motor skill acquisition: a systematic review. **Sports medicine**, v. 46, n. 6, p. 829–843, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s40279-015-0452-2>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

BUTTON, Chris e colaboradores. **Dynamics of skill acquisition: an ecological dynamics approach**. Champaign, USA: Human Kinetics Publishers, 2020.

CAMILO CUNHA, António. **Ser Professor: bases de uma sistematização teórica**. Chapecó, SC: Argus, 2015.

CASTELO, Jorge. **Futebol: organização dinâmica do jogo**. Lisboa, Portugal: FMH Edições, 2004.

CASTELO, Jorge.; MATOS, Luis. **Concepção e Organização de 1100 Exercícios de Treino**. Lisboa, Portugal: Visão e Contextos, 2006.

CHAMBERS, Fiona. **Learning to mentor in sports coaching: a design thinking approach**. New York, USA: Routledge, 2018

CHI, Michelene; GLASER, Robert. A capacidade para a solução de problemas. In: STERNBERG, Robert. **As capacidades intelectuais humanas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1992.

COSTA, João. **Inteligência geral e conhecimento específico no futebol**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2001.

COUTINHO, Patricia.; MESQUITA, Isabel; FONSECA, Antonio. Talent development in sport: a critical review of pathways to expert performance. **International journal of sports science & coaching**, v. 11, n. 2, p. 279-293, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1747954116637499>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CRUYFF, Johan. **Mis futbolistas y yo**. Barcelona, España: Ediciones Barcelona, 2002.

DAMÁSIO, António. **O erro de descartes: emoção, razão e cérebro humano**. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1994.

DIOGO, José. **Parceria escola-família: a caminho de uma educação participada**. Porto, Portugal: Porto, 2007.

FOLGUEIRA, Santiago. **1022 ejercicios de ataque en fútbol**. Barcelona, España: Editorial Paidotribo, 2018.

FONTAINE, Anne. **Motivação em contexto escolar**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 2005.

FRADE, Vitor. **Apontamentos de aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de futebol**. Porto, Portugal: FCDEF – UP, 2005. (Não publicado).

FRADE, Vitor. **Apontamentos de aulas de Metodologia Aplicada II, Opção de futebol.** Porto, Portugal: FCDEF – UP, 2006. (Não publicado).

FRADE, Vitor. **Apontamentos de Curso de Metodologia do futebol.** Porto, Portugal: FCDEF – UP, 1998. (Não Publicado).

FREITAS LOBO, Luis. **Planeta do futebol.** Lisboa, Portugal: Prime Books, 2009.

GARGANTA, Julio. **Modelação táctica do jogo de futebol:** estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997 Tese (Doutoramento em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 1997.

GARGANTA, Julio; OLIVEIRA, José. Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, José; TAVARES, Fernando, (Eds.). **Estratégia e táctica nos jogos desportivos coletivos.** Porto, Portugal: FCDEF-UP, 1996.

GRÉHAIGNE, Jean; GODBOUT, Paul. Tactical knowledge in team sport from a constructivist and cognitivist perspective, **Quest**, n. 47, v. 4, p. 490-505, 1995.

GUILHERME OLIVEIRA, José. **Especificidade: o “pós-futebol” do “pré-futebol”:** um fator condicionante do alto rendimento desportivo. 1991. Monografia (Licenciatura em Desporto). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 1991.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

JENSEN, Eric. **O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens:** um guia para pais educadores. Lisboa, Portugal: Edições Asa, 2002.

JÚLIO, Luís; ARAÚJO, Duarte. Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In: ARAÚJO, Duarte (Ed.). **O contexto**

da decisão: a acção táctica do desporto. Lisboa, Portugal: Visão e Contextos, 2005.

LACOMBE, Daniel., SARRAZIN, Claude; ALAIN, Claude. Decision making in sport: an information processing experimental paradigm. In: UNESTAHL, Lars-Eric (Ed.), **Sport psychology in theory and practice**. Orebro, Sweden: Veje Publ, Inc, 1986.

LESSA, Laise, MORAES, Emmanuel; LIMA, Sérvulo. Percepção dos alunos-atletas sobre o estilo de liderança dos professores-treinadores de Teresina-PI. **Revista brasileira de futsal e futebol**, v. 5, n. 18, p. 1, 2013.

LOPES, João. Perder o presente para ganhar o futuro. In: MATOS, Manuel (coord.). **JOVALES: jovens, alunos, ensino secundário**. Porto, Portugal: CIIE/Livpsic, 2013.

LOPETEGUI, Julen. Entrevista. **El Pais**, Madrid, España, 08 fev. 2015.

MAÇÃS, Victor; BRITO, Jorge. **Os factores de jogo em futebol:** série didáctica. Vila Real, Portugal: UTAD, 2000.

MARINA, José. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa, Portugal: Caminho, 1995.

MATURANA, Humberto. Stratégies cognitives. In: MORIN, Edgar; PIATELLI-PALMARINI, Massimo (ed.), **Le cerveau humain - l'Unité de l'Homme**. Paris, France: Edition du Seuil, 1979.

MCPHERSON, Suspensão. **The development of sport expertise:** mapping the tactical domain, *Quest*, n. 46, p. 223-240, 1994.

MOURA, Daniel e colaboradores. **Tomada de decisão no futebol**. Rio Maior, Portugal: Escola Superior do Desporto de Rio Maior, s/d.

NETO, José. **Ciências de comportamento**, UEFA I. Dossier, 2001. (Não publicado).

NETO, José. **Ciências de comportamento**, UEFA II. Dossier, 2005. (Não publicado).

OLIVEIRA, António. **As emoções como condição essencial na aprendizagem de um “Jogar”**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2008.

PACHECO, Rui. **O ensino do futebol – futebol 7 – um jogo de iniciação ao futebol de 11**. São Mamede de Infesta, Portugal: Edição do Autor, 2001.

PARMAN, Daniel. Individual differences: cognitive and perceptual styles. In: SINGER, Robert N.; MURPHEY, Milledge; TENNANT, Keith L. (Eds.). **Handbook of research on sport psychology**. New York, USA: McMillan Publishing Company, 1992.

PINTO, Jorge. **Treino de jovens: o ensino do futebol na formação de jogadores: teoria e metodologia**. Porto, Portugal: FCDEF – UP (Ação de formação), 2005. (Não publicado).

PORTUGAL. Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro. **Aprova o regime jurídico da Educação Física e do desporto escolar**. Diário da República n.º 47/1991, Série I-A de 1991-02-26, páginas 940 – 946, 1991.

RIERA, Joan. Análisis de la táctica deportiva. **Apunts educación física y deportes**, n. 40, p. 47-60, 1995. Disponível em: <<https://revista-apunts.com/analisi-de-la-tactica-deportiva/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

RINK, Judith e colaboradores. Foundations for the learning and instructions of sport and games. **Journal of teaching in physical**

education, v. 15, n. 4, p. 399-417, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1123/jtpe.15.4.399>>. Acesso em 30 mai. 2015.

STRACHAN, Leisha e colaboradores. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 3, n. 1, p. 9-32, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/19398441.2010.541483>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

VALDANO, Jorge. **Apuntes del balón**. Madrid, España: Marca, 2001.

WILLIAMS, Jean. **Psicología aplicada al deporte**. Madrid, España: Biblioteca Nueva, 1991.

WILLIAMS, Mark e colaboradores. **Visual perceptions and action in sport**. London, England: FNSpon, 1999.